

A DINÂMICA DOS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO EM FORTALEZA - CEARÁ

RESUMO

A Indústria de Confeccção está presente em várias cidades de países de capitalismo tardio e é responsável pelo provimento de uma quantidade significativa de empregos para a população urbana, estruturando-se sobre um modo de produção interestelar, que alia o processo local ao global. Nesse contexto, são estudadas as modificações feitas nos modos de produzir, gerir e comercializar; proporcionadas pela reestruturação produtiva na década de 1970, momento de modificações das condições financeiras e produtivas do mundo capitalista. Isso trouxe, como consequências, diferenciações substanciais na produção, que saiu de antigas cidades industriais e buscou novos espaços produtivos para a expansão da produção capitalista em países não desenvolvidos, como Brasil, Índia e Bangladesh; estruturando novas relações espaciais no mundo globalizado. Procura-se entender, através da teoria dos circuitos da economia urbana, a Indústria de Confeccção na cidade de Fortaleza, capital do Ceará, como uma atividade que modifica as relações dos agentes produtores do espaço, inseridos na dinâmica dos circuitos espaciais da economia urbana.

Palavras-chave: Espaço.Circuitos. Indústria.

ABSTRACT

The clothing industry is present in several cities of late capitalism countries and is responsible for the provision of a significant number of jobs for the urban population, structuring itself on an interestelar production method that combines the local process to the global one. In this context, there are studied the changes made in the ways of producing, managing and commercializing, provided by the productive restructuring in the 1970s, when changes in the financial and productive conditions of the capitalist world happened. As consequences that brought substantial differences in production, which evaded old industrial cities and searched for new productive spaces for the expansion of the capitalist production in non-developed countries, such as Brazil, India, and Bangladesh, structuring new spatial relationships in the globalized world. The objective, then, is to understand through the theory of the circuits of the urban economy, the Clothing Industry in the city of Fortaleza, capital of Ceará, as an activity that modifies the relationship of the agents that produce space, those inserted in the dynamics of spatial circuits of the urban economy.

Keywords: Space.Circuits.Industry.

RESUMEN

La Industria de Confección está presente en varias ciudades de países de capitalismo atrasado y es responsable por la prestación de un número significativo de puestos de trabajo para la población urbana, desarrollando a través de un método de producción interestelar que combina el proceso local a lo global. En este contexto, se estudian los cambios realizados en la forma de producir, gestionar y comercializar, proporcionado por la reestructuración productiva en la década de 1970, cuando los cambios en las condiciones financieras y productivas del mundo capitalista sucedieron. Esto trajo como consecuencia diferencias sustanciales en la producción, que salió de viejas ciudades industriales y buscó nuevos espacios productivos para la expansión de la producción capitalista en los países no desarrollados, como Brasil, India y Bangladesh; estructurando nuevas relaciones espaciales en un mundo globalizado. Se busca entender, a través de la teoría de los circuitos de la economía urbana, la Industria de Confección en la ciudad de Fortaleza, capital de Ceará, como una actividad que modifica la relación de los agentes productores de espacio, insertados en la dinámica de los circuitos espaciales de la economía urbana.

Palabras clave: El espacio. Circuitos. Industria.

Ms. Marlon Cavalcante Santos
Doutorando pelo Programa de Pós-
Graduação em Geografia,
da Universidade Federal do Ceará
– UFC
E-mail: marlon_ufc@hotmail.com

Prof. Dr José Borzacchiello da
Silva
Professor Emérito da UFC

INTRODUÇÃO

A reflexão relacionada à dinâmica dos circuitos da economia urbana se faz persistente para o entendimento do espaço urbano de países de capitalismo tardio e de suas relações com as economias ditas desenvolvidas, partindo-se de uma condição de entendimento baseada nas modificações do espaço e em suas relações interescares.

A teoria dos circuitos da economia urbana foi proposta na década de 1970 pelo professor e pesquisador Milton Santos, na busca de refletir condições urbanas percebidas em várias cidades de países pobres, pois estes espaços apresentam estruturas e dinâmicas específicas em várias cidades, de forma a evidenciar relações condicionadas pelos dois circuitos da economia urbana: o circuito superior e o circuito inferior.

A busca por entender a economia urbana através da discursão sobre esses dois circuitos permite discutir e analisar formas, funções, processos e estruturas que constituem a relação entre espaço e sociedade.

Muitos geógrafos desenvolvem trabalhos com reflexões acerca da perspectiva da economia urbana, pois, embora tenha sido proposta na década de setenta, essa perspectiva se mostra reatualizada e capaz de dar respostas a questionamentos sobre as condições atuais, as quais Santos (2007) denomina de meio técnico-científico informacional.

A proposta deste trabalho, além de refletir sobre a dinâmica urbana baseada nos circuitos, é a de analisar as atividades da Indústria de Confeção, sendo tal segmento comercial significativo para a dinâmica econômica do urbano. Assim, pretende-se vislumbrar relações espaciais de produção, de fluxo de capitais e de mão de obra; variáveis essenciais para compreender as dinâmicas que muitas vezes não são percebidas no cotidiano, apenas vistas, mas não enxergadas.

A indústria de confecção está presente em países como: Brasil, Bangladesh, China, Paquistão, Peru; que compartilham condições denominadas subdesenvolvidas (com exceção da China, que possui economia de mercado¹).

No Brasil, mais especificamente no nordeste do país, cidades e regiões metropolitanas, como Fortaleza, Natal, Salvador e Teresina, têm indústrias de confecção importantes para a sua dinâmica urbana. Essas indústrias encontram-se, principalmente, nas periferias desses espaços urbanos, realidade que está relacionada à condição de aglomeração urbana, resultando em uma dinâmica mais fluida de mercadoria e de mão de obra.

Outas cidades do Brasil, como São Paulo, Rio de Janeiro, Nova Friburgo e Goiânia, têm uma quantidade significativa de oficinas confeccionistas em seus espaços urbanos, gerando um fenômeno específico, no caso de São Paulo e do Rio de Janeiro, pois essas duas cidades desenvolvem “recrutamentos”² de bolivianos para trabalharem em suas oficinas confeccionistas.

O presente artigo tem como *locus* a indústria de confecção de Fortaleza, no estado do Ceará, e investiga as relações desse segmento comercial no que concerne à dinâmica da cidade. Este trabalho se baseia em aspectos metodológicos que se desdobram em revisão de bibliografia e trabalho de campo e coleta de dados, tanto em instituições patronais, quanto em

¹ Política baseada no Partido Comunista Chinês; mas que adota práticas econômicas capitalistas, principalmente nas Zonas Especiais, situadas em grandes cidades e no litoral do país.

² Quando se usa a palavra “recrutamento”, exprime-se que há um fluxo e uma quantidade significativa de mão de obra da Bolívia nessas duas cidades. Há uma estrutura feita, muitas vezes, dentro da ilegalidade das leis trabalhistas brasileiras, para bolivianos virem trabalhar em condições degradantes de produção.

sindicatos de trabalhadores, onde ocorreram entrevistas com trabalhadoras e trabalhadores do setor de confecção.

A primeira parte do presente estudo é fundamentada através de autores que trabalham com a temática da reflexão da relação da indústria, do urbano e dos circuitos da economia urbana. Surge, assim, uma discussão da relação direta entre os economia urbana e a dinâmica da indústria no espaço urbano da cidade de Fortaleza - Ceará.

A INDÚSTRIA DE CONFECÇÃO EM FORTALEZA E SUAS RELAÇÕES COM O ESPAÇO URBANO

A indústria de confecção em Fortaleza tem uma expressividade significativa. Muitas indústrias presentes no espaço urbano da capital cearense estão voltadas para a costura de *jeans* e de modinha³. Essa característica específica do tipo de vestimenta é evidente em diversas cidades do Nordeste, como Salvador, que tem uma produção voltada para abadás e fardamentos. Já Natal possui uma produção baseada em roupas íntimas (OLIVEIRA, 2004) e Teresina se destaca através da produção de material em índigo⁴.

No Nordeste, a presença da indústria têxtil e, mais especificamente, da confeccionista é evidente. Andrade (1974) afirma que não se pode negar que essas atividades são promotoras de renda e de trabalho para a população do Ceará, do Rio Grande do Norte e de outros estados nordestinos que estruturaram, em um primeiro momento, a produção têxtil no segmento de redes.

O setor de confecções representa o último grande elo da cadeia têxtil confeccionista (VIANA, 2005) sendo expressivo e se modificando, tanto na forma, na organização do capital, quanto na produção do espaço no qual está inserido.

Para Amora (2007), a estruturação da indústria no Ceará esteve relacionada a três períodos: o primeiro deles concernente à indústria de capital local voltada para a produção têxtil e de óleos vegetais, indo do século XIX até a década de 1950; o segundo período foi caracterizado pelo reforço na consolidação das indústrias tradicionais, através de investimentos por parte de agências de desenvolvimento, como no caso da Sudene⁵; o terceiro momento se deu por volta da segunda metade da década de 1980, relacionada à “guerra fiscal” (*Ibidem*), com investimentos por parte do governo do estado do Ceará⁶. Esses incentivos tiveram como principais espaços de implantação Fortaleza sua região metropolitana.

³ Tipo de vestimenta composta por blusa e bermuda. Geralmente são feitas em malha, com material sintético, vindos, principalmente, da China.

⁴ Corante azul, originalmente produzido a partir de algumas plantas da Índia, onde, há mais de cinco mil anos, alguns métodos de tingimento já eram utilizados para a aplicação desse pigmento sobre fibras naturais. Inicialmente, o produto era empregado para tingir lã e, somente muito tempo depois, aperfeiçoamentos no processo permitiram sua aplicação sobre o algodão (COSTA & ROCHA, 2000).

⁵ Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste.

⁶ No final dos anos 1970, a Sudene demonstrava redução de investimentos para a implantação de indústrias nos estados nordestinos. No Ceará, no segundo governo de Virgílio Távora, foi aprovado o III Polo Nordeste, buscando maiores investimentos na indústria, por parte do governo do estado, estando esse projeto incorporado ao Plano de Metas do Ceará (Plameg), com o fim de manter os investimentos na indústria por meio de incentivos da Sudene, do Banco do Nordeste e do governo do estado (ARAGÃO, 2007, 1989). Mesmo com tais incentivos, os investimentos tiveram diminuição, com a estruturação de uma nova lógica nos anos 1990, aliada a uma nova composição de forças governamentais ligadas ao Centro Industrial do Ceará (CIC), que buscou investimentos por meio do estado e do poder privado, colocando o Ceará em relações econômicas internacionais pautadas “em

Pereira Júnior (2013) afirma que o Ceará está dentro de uma quarta fase de processo de investimentos e industrialização, tendo como forma mais evidente a consolidação do Complexo Portuário do Pecém, um equipamento que visa a modernização do Ceará.

Como salientado anteriormente, o Ceará foi inserido no processo de industrialização em diversos momentos, tendo o setor secundário⁷ um papel fundamental para a implementação da indústria no estado.

Algumas modificações foram feitas no espaço industrial cearense. No chamado “governo das mudanças”, muitos setores, na busca de isenção fiscal e de outros incentivos locacionais, saíram de Fortaleza e de sua região metropolitana para outras cidades do interior. No entanto, a Indústria de Confecção se coloca em um outro processo, tanto de organização, quanto de alocação e dinâmica, pois permanece em Fortaleza e na sua região metropolitana, maiormente na periferia da capital cearense.

A indústria de confecção não saiu de Fortaleza e, como afirma Silva (1992), compõe-se de um relevante número de pequenas e médias indústrias, tendo, como trabalhadores, pessoas que saíram do interior em busca de melhores condições de vida.

O mesmo autor salienta que “tanto os fatores de ordem climática, seca ou cheia, quanto os sociais, fundamentalmente a estrutura fundiária, dificultam cada vez mais a fixação da população no interior” (*Ibidem*, p. 30).

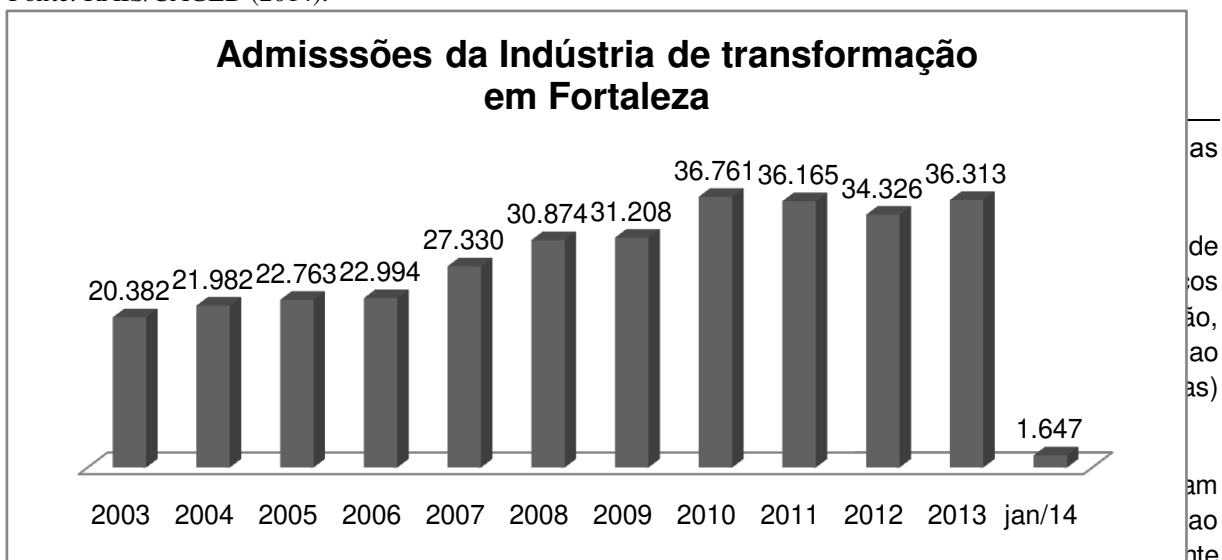
Diante do exposto, vê-se uma relação entre Indústria de Confecção, mão de obra barata e aglomeração urbana. Tais condições são essenciais para a existência da Indústria de Confecção, havendo uma sincronização entre produção, mão de obra e circulação de mercadorias, que exige uma logística de proximidade para evitar gastos maiores para realizar a dinâmica de produção e circulação de mercadorias no urbano.

O espaço urbano é o *locus*, preponderantemente, de existência da Indústria de Confecção e não é apenas substrato, pois é produtor e produto de uma realidade dinâmica, sempre em construção (LEFEBVRE, 2013).

A indústria de confecção em Fortaleza encontra-se em diversos bairros da cidade. Segundo o Senso da Confecção de 2008⁸, em Fortaleza havia 1.217 unidades produtivas espalhadas pela cidade, gerando um número relevante de postos de trabalho. Os Gráficos 1 e 2 mostram as admissões na indústria de transformação e, mais especificamente, na indústria de confecção, em uma série que data de 2003 a 2014.

Gráfico 1

Fonte: RAIS/CAGED (2014).



vista: muitas vezes realiza-se nas casas dos trabalhadores, o que dificulta bastante a contagem.

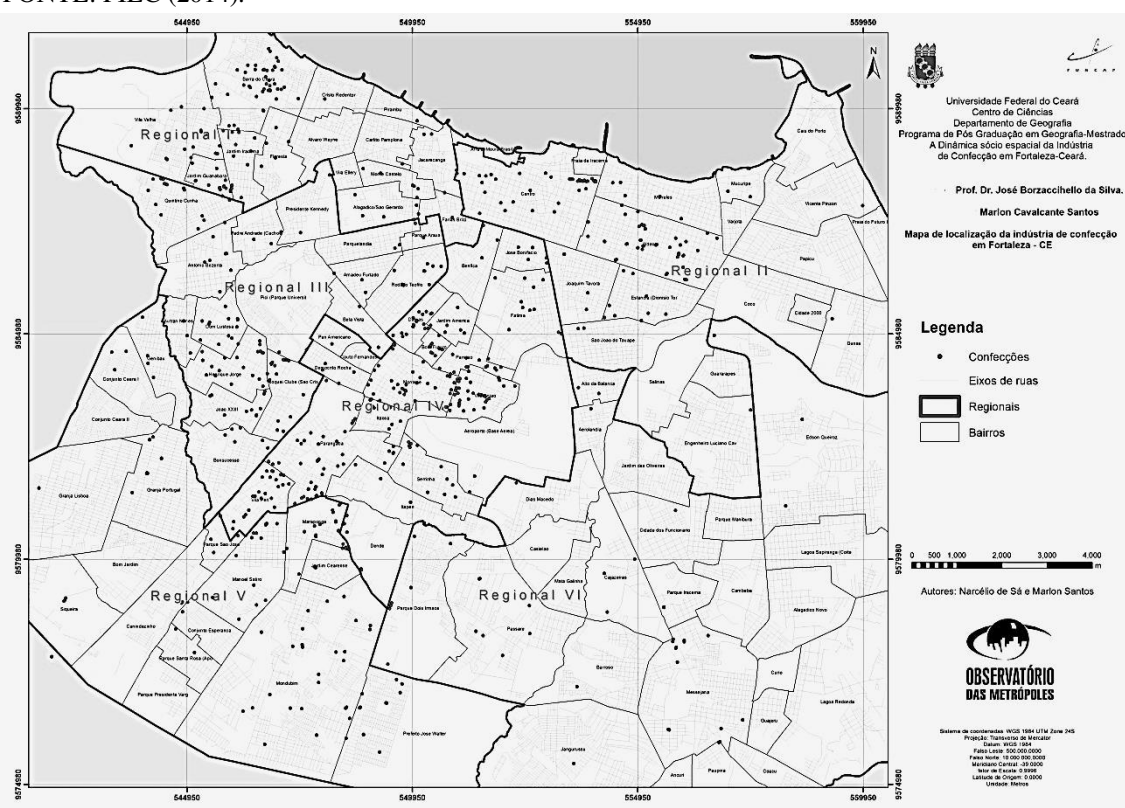
Gráfico 2



Fonte: RAIS/CAGED (2014).

Os bairros nos quais a concentração é mais significativa são: Barra do Ceará, Jardim Guanabara, Jardim Iracema, Floresta, Damas, Bom Futuro, Montese, Parreão, Vila União, Parangaba, Vila Pery, Henrique Jorge, João XXIII, Jôquei Clube, Bom Sucesso, Antônio Bezerra, Quintino Cunha, Regional, Maraponga, Mondubim, Conjunto Esperança, Conjunto Prefeito José Walter e Vila Manuel Sátiro. Sabe-se que, em outros bairros, há a existência dessa indústria; todavia, esses são os que têm um maior número de unidades produtivas confeccionistas. O Mapa 1, a seguir, localiza algumas confecção no município de Fortaleza.

Mapa 1 – Localização da indústria de confecção em Fortaleza
FONTE: FIEC (2014).



Há uma concentração de confecções na zona oeste da cidade, contrastando com a leste, essa ocupada por um segmento populacional de renda mais elevado. Já o oeste se evidencia pela presença significativa de uma população de baixa renda, pois é composta “em sua maioria pela massa trabalhadora” (SILVA, 1992, p. 44).

Como atividade significativa do urbano, a indústria de confecção está inserida dentro dos circuitos da economia urbana, tanto dentro do circuito superior, caracterizado por estruturas e relações que são resultados diretos das condições modernas; quanto no circuito inferior, produto indireto das condições modernas (Santos, 2008).

Os circuitos da economia urbana, superior e inferior, estão presentes nas cidades. No caso de Fortaleza, tais circuitos compõem um dos elementos que podem explicar o espaço urbano, visto que esses são fundamentais para a dinâmica urbana contemporânea, pois explicam relações de produção, circulação e consumo no espaço urbano.

OS CIRCUITOS DA ECONOMIA URBANA NA PRODUÇÃO DE CONFECÇÕES

Para o entendimento da dinâmica econômica do espaço urbano, a teoria dos circuitos da economia urbana é fundamental, pois se mostra evidente e explicativa para diversos fenômenos vivenciados no urbano.

A economia urbana é formada pelo circuito superior e pelo circuito inferior e ambos são produtos da modernização (SANTOS, 2008).

Cada um desses circuitos tem características que os especificam: o superior tem um grande aporte de capital, usa técnicas modernas de produção e de distribuição de mercadorias e se insere nos mercados financeiros; já o circuito inferior se caracteriza pelo capital reduzido, pela busca de dinheiro líquido em pouco tempo, pelo lucro exponencial conseguido por unidades vendidas; sendo o seu lucro de montante pequeno, em relação ao do circuito superior.

Dentro dessa dinâmica produtiva do espaço está a produção de confeccionados, que tem, como uma das principais características, a diversidade dos processos de produção, circulação, consumo, localização das indústrias e relações de trabalho. Essa dinâmica está articulada a grandes firmas, responsáveis pela circulação e pelo consumo dos confeccionados em escala mundial dentro do circuito superior da economia urbana e também às pequenas empresas pertencentes ao circuito inferior, relacionadas, por meio da produção, com as grandes grifes ou responsáveis por todo o processo produtivo, circulação e consumo dentro do circuito inferior, criando marca própria, ou seja, a etiqueta do vestuário.

Para se compreender a indústria de confecção em Fortaleza, faz-se necessário o entendimento de relações que são criadas com grandes marcas nacionais e internacionais, que gerenciam capital, crédito e protótipos de confeccionados, com oficinas que estão na casa dos trabalhadores.

As firmas repassam a montagem das peças para as confecções e facções. As primeiras, geralmente, têm registro em alguma federação de indústria ou nas secretarias estaduais da Fazenda, mas, normalmente, passam algumas etapas do processo produtivo para as facções: unidades domiciliares, menores que as confecções, que realizam parte da etapa produtiva do confeccionado. Para Krost (2007, p. 7), a facção

se caracteriza pela fragmentação do processo fabril e o desmembramento do ciclo produtivo de manufatura, antes setorizado, dentro de uma mesma empresa. Há o repasse a um "terceiro" da realização de parte (facção) das atividades necessárias à obtenção de um produto final, fenômeno comum no ramo têxtil.

As relações produtivas são diversas. Há vários casos de produção de confeccionados. Existem as grandes marcas, que terceirizam a produção para confecções, geralmente

registradas como indústrias de confecções, fazendo a montagem da peça e sua produção, com a circulação voltada para a grande empresa. Há também a confecção que produz com a própria marca, tendo loja própria e vendendo seus produtos para outras lojas, além de terceirizar também a produção para as facções, caracterizadas como unidades domiciliares, que costuram para diversos tipos de clientes, fornecendo, da encomenda de uma grande firma, ao trabalho voltado para a produção doméstica.

A produção de confeccionados exige uma significativa utilização de mão de obra. Preponderantemente, essa mão de obra é composta por mulheres que moram perto de alguma confecção ou facção, dado que tais mulheres têm, muitas vezes, que conciliar o trabalho na oficina de confeccionados com as atividades de casa, como cuidar dos filhos, e outros afazeres domésticos.

Existe, pois, uma tentativa de conciliação do trabalho fabril com o domiciliar, resultando em “horários flexíveis” e elevadas jornadas de trabalho, visto que, muitas vezes, as trabalhadoras passam até mais de doze horas nas unidades produtivas, combinando processos de produção fordistas (montagem fragmentada da peça dentro da unidade produtiva) com condições verificadas com a reestruturação produtiva (ganhos por produção e busca de menor tempo possível para uma maior produção), resultando em um espaço de “trabalho disperso, complexificado, com dificuldades na organização da luta coletiva, e, por outro lado, [em] o capital uno, preservando sua autogestão sobre o território” (BRUMATTI, 2008, p. 3).

Dentro desse espaço produtivo complexo, essas unidades produtivas se inserem no circuito inferior como condições e dinâmicas próprias dessa dimensão da economia urbana. São firmas que possuem capital limitado e que produzem para vender o mais rápido possível, a partir de relações de trabalho que utilizam intensamente a mão de obra familiar.

Santos (2008), ressaltando essas condições do circuito inferior, afirma que esse segmento está presente de forma significativa no espaço urbano, proporcionando a inserção de setores excluídos nas condições modernas da economia.

No entanto, estando dentro do circuito inferior, tais setores são inseridos também em alguns aspectos do circuito superior, dado que só exige circuito inferior se houver circuito superior. Há uma relação entre os dois circuitos, que não podem ser insolados. São, pelo contrário, entendidos, como dentro de uma dinâmica na qual se comunicam para corroborarem para a produção da economia urbana.

Na indústria de confecção, mesmo que sua parte produtiva esteja diretamente ligada a condições do circuito inferior, outras etapas do processo produtivo e da circulação da mercadoria estão dentro do circuito superior.

Em Fortaleza, há um entrelaçamento evidente na dinâmica da mercadoria, gerada pelos dois circuitos da economia urbana. Há uma exigência de confecções e de facções que produzam para o circuito superior, exportando sua produção, e também para o mercado local, dentro do comércio do circuito inferior, como em feiras (a Feira da Sé é um exemplo), em *shoppings* populares (como o Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza, antigo Beco da Poeira) e outros tipos de locais de venda de confeccionados.

Por toda a cidade, é significativa a exposição e venda de vestuários produzidos na cidade de Fortaleza e região metropolitana, havendo a inserção de diversos segmentos urbanos na dinâmica produtiva e comercial de confeccionados.

DINÂMICA DOS CIRCUITOS ESPACIAIS NA PRODUÇÃO E VENDA DE CONFECÇÃO

A indústria de confecção que encontra-se em Fortaleza, inserida dentro dos circuitos da economia urbana e em relações interescares, articula-se com o comércio de confeccionistas da metrópole.

Os principais pontos de venda de confecções, dentro do circuito inferior de Fortaleza, são a Feira da Sé e o Beco da Poeira. Esse dois locais de venda localizam-se no centro da cidade, bairro onde uma quantidade significativa de indivíduos busca sua inserção dentro da economia de consumo⁹.

A Feira da Sé representa a venda em atacado de confeccionados em Fortaleza. Nas noites de quarta para quinta e de domingo para segunda, uma aglomeração de vendedores e compradores de diversas cidades do Ceará, do Nordeste, do Brasil e até de outros países, como Cabo Verde e Guiana, procuram a Feira da Sé a fim de comprar roupas para venderem em suas cidades. Esses compradores, geralmente mulheres, são chamados de sacoleiros.

O Beco da Poeira é outro local de intenso comércio de confecção no centro de Fortaleza. Tal equipamento foi construído no governo de Maria Luiza Fontenele¹⁰ na década 1980 para abrigar ambulantes da Praça Waldemar Falcão. Em 2009 o centro de venda de confecção foi transferido para a Avenida do Imperador.

Esses dois mercados da confecção são os principais na articulação da produção e no comércio do circuito inferior de Fortaleza, onde são vendidas peças de vestimentas a preços populares. Tais peças são produzidas em bairros periféricos e todos os dias chegam ao centro para serem vendidas para diversas partes do país.

Dentro dessa relação dos circuitos, o mercado da confecção em Fortaleza está presente em *shoppings*, boutiques e pontos de vendas inseridos dentro do circuito superior da economia urbana. Avenidas, como a Carneiro de Mendonça, têm uma significativa presença de *shoppings* voltados para a venda de confecções.

Shoppings como o Fortaleza Sul e o Maraponga Mart Moda têm uma vendagem permanente ao longo do ano, com a venda de confecções, com as quais muitos compradores da Feira da Sé e do Beco da Poeira complementam suas compras, voltados para as mercadorias ditas “de marca”.

A articulação da produção e do comércio nos circuitos superior e inferior evidencia essa dinâmica articulada e complexa que a economia urbana promove no espaço urbano. Dentro dessa dimensão da importância da confecção para Fortaleza, muitos comércios promovem festivais, como o Maraponga Mart Moda, com o seu Maraponga 40°. Já o Centro Dragão do Mar, como um equipamento turístico e de formação cultural, tem, no Dragão Fashion Brasil, a divulgação da moda, buscando, portanto, a inserção de Fortaleza no circuito de moda no Brasil. As Figuras 1 e 2 mostram as publicidades feitas para alguns festivais de moda em Fortaleza.

Figuras 1 e 2 - Festival Maraponga 40° e Dragão Fashion Brasil



FONTE: Site do Maraponga Mart Moda e pesquisa direta (2014), respectivamente.

¹⁰ Maria Luiza foi prefeita de Fortaleza. A transferência deu-se na gestão Luizianne Lins, para que fosse continuada as obras do Metrô de Fortaleza, feitas pelo Governo do Estado do Ceará. Após a transferência o equipamento passou a se chamar Centro de Pequenos Negócios de Fortaleza.

Na divulgação de alguns festivais de moda, como o Maraponga Mart Moda e o Dragão Fashion Brasil, usam-se *outdoors*, *sites* próprios e divulgação através de *folders* espalhados pela cidade, por agentes pagos para tal intento.

Sendo assim, percebe-se uma articulação complexa entre produção, distribuição e consumo, no setor confeccionista, onde condições de dualidade entre os circuitos são superadas por uma intensa articulação que promove uma das dinâmicas urbanas contemporâneas na cidade de Fortaleza.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evidência da presença da indústria de confecção nos espaços urbanos contemporâneos permite afirmar que a fábrica não saiu da cidade, ela permanece no urbano, relacionando-se com novas dinâmicas.

Baseando-se na teoria dos circuitos da economia urbana, evidencia-se a relação entre produção de confecção, circulação da mercadoria e venda, no espaço urbano de Fortaleza. Assim como a capital cearense, outras cidades têm uma significativa presença da indústria de confecção, ramo responsável por uma considerável quantidade de mão de obra ocupada, principalmente a feminina.

A produção de confecção é uma atividade que proporciona uma dinâmica que articula características do circuito superior e do circuito inferior, possibilitando, portanto, uma maior dinâmica no espaço urbano e uma complexificação do mesmo, pois não se trata apenas de condições diferentes, mas de relações de dependência entre esses subsistemas da economia urbana, não sendo isolados ou duais, mas articulados e concretizados no espaço urbano das

BIBLIOGRAFIA

- AMORA, Z. B. Indústria e espaço no Ceará. In: SILVA, J. B. *et al.* (orgs). **Ceará: um novo olhar geográfico**. 2º ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007.
- ANDRADE, M. C. **Geografia econômica do Nordeste**. 2º ed., São Paulo: Ed. Atlas S. A. Abril, 1974.
- BRUMATTI, T. **O trabalho domiciliar feminino em Terra Roxa/PR**. In: VI Seminário do Trabalho, 2008, Marília. CD-ROM.
- DANTAS, A. W.; TAVARES, M. A. A. Os dois circuitos da economia urbana em João Câmara/RN, Brasil. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza, v. 11, n. 26, p. 58-73, mai./ago. 2012. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article>>. Acesso em: 10 jul. 2013.
- DANTAS, E. W. Metamorfoses do setor terciário e terciarização contemporânea. **Mercator** - Revista de Geografia da UFC, Fortaleza ano 6, n. 12, p. 18-24, jul./dez. 2007. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article>>. Acesso em: 25 set. 2013.
- DANTAS, E. W. **Comércio ambulante no Centro de Fortaleza- CE (1975-1995). 1995**. Dissertação (Mestrado em XXX) – Universidade de São Paulo - FFLCH/USP, São Paulo, 1995.
- PEREIRA JR., E. A. **Território e economia política – uma abordagem a partir do novo processo de industrialização no Ceará. 2011**. 450 f. Tese (Doutorado em XXX) – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2011.
- SANTOS, M. **O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos**. 2ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2008.

grandes cidades; no caso especificado, em Fortaleza, Ceará.

SILVA, J. B. **Quando os incomodados não se retiram**: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza. Fortaleza: Multigraf, 1992.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: Ed. Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **Economia espacial**. 2ª ed.. São Paulo: Ed. Edusp, 2007.

SILVA, J. B. O mercado de trabalho e a cidade brasileira. In: VALENÇA, M. M. (org). **Cidade (i)legal**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2008.

SILVA, J. B. Diferenciação socioespacial. **Cidades**. Presidente Prudente v. 4, n. 6, p. 89-100, 2007. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article>>. Acesso em: 10 mar. 2013.